

O DESAFIO URBANO ÀS IGREJAS

Sérgio Paulo Ribeiro Lyra¹

Abstract

During the last 50 years the reality of the cities underwent big and important changes. The missiologist Roger Greenway says that the next missionary challenge that the Church will have to face is the cities. People who live in a town, somehow reflects the mentality of living daily with thousands of other human beings in multiple contexts, economic levels and profiles without knowing who is seated beside. To be a Church of the 21st century means knowing the challenges that the new urban reality imposes and also to know, always through the Scriptures, how to give answers that glorify God and make the Church relevant in their context.

Palavras Chave: cidades; missão urbana, privacidade, evangelização, ação social.

Introdução

Segundo dados da ONU, em 1950 não existia em todo o mundo mais do que sete cidades com população superior a 5 milhões de pessoas. Os mesmos dados apontavam haver cerca de 100 cidades com mais de um milhão de habitantes. Apenas 50 anos depois, a realidade é completamente outra. E se estendermos os horizontes para 2020 espera-se existir mais de 500 cidades “milionárias”, estando a maioria delas nos países em desenvolvimento².

Porém, há outro fenômeno que também fora previsto. Trata-se da formação das metrópoles. No entorno de grandes cidades que começaram a crescer e desenvolver-se aceleradamente, floresceram outras cidades menores. Não havendo uma definição precisa, no Brasil fala-se de nove a doze metrópoles³.

No caso do Recife, a região metropolitana foi “criada em 1973, quando o governo federal decidiu implantar uma política de desenvolvimento no entorno das capitais brasileiras.”⁴. A Região Metropolitana do Recife - RMR é formada por 14 municípios: Abreu e

¹ Pastor Presbiteriano, Mestre em Missiologia Urbana-CPPGAJ e Doutor em Ministérios-RTS. É o coord. do Centro de pós-graduação do Betel Brasileiro, Prof. do Seminário Presbiteriano do Norte e do Centro Evangélico de Missões - CEM

² Carlos Vogt, *As Cidades e os Muros*. Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/cidades/cid01.htm>. Acesso em 10 de jul/12.

³ *Novas Metrópoles Enfrentam Velhos Problemas*. Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/cidades/cid07.htm> Acesso em 12 jul/12.

⁴ *Região Metropolitana do Recife*. Disponível em <http://www.pe-az.com.br/regioes/regioes.htm>. Acesso em 18 de mar/06.

Lima, Araçoiaba, Cabo de Santo Agostinho, Camaragibe, Igarassu, Ipojuca, Itamaracá, Itapissuma, Jaboatão, Moreno, Olinda, Paulista, Recife e São Lourenço da Mata.

Dessas 14 cidades menores, seis delas possuem mais de 100.000 habitantes e dessas seis, duas ultrapassam os 350.000. Tal concentração faz com que 52,8% de toda população urbana de Pernambuco e 40,3% de toda população do estado esteja localizada na RMR.

Quadro da concentração populacional de Pernambuco⁵

Região	Habitantes	Percentual
Região Metropolitana do Recife – RMR	3.190.653	40,3
Outros municípios	2.861.489	36,2
População rural	1.858.850	23,5
Total de habitantes	7.910.992	

Conscientes da amplitude que o leque de informações disponibiliza sobre os aspectos urbanos de uma região metropolitana, tornou-se imperativo sumariar e delimitar nossa abordagem em apenas quatro aspectos: o econômico, a sociabilidade, as ações eclesiais e as oportunidades missionárias.

A Estrutura econômica da RMR

Há duas faces opostas nas grandes cidades. Uma é aquela que frequentemente aparece nos congressos e relatórios de propaganda governamentais, nos folders das empresas, nas agências e mapas turísticos. Nesta face, a cidade é bonita, bem organizada, progressista, afável e ordeira para com os seus habitantes ou visitantes. Sob essa ótica, o Recife é visto como o maior centro comercial do Nordeste, o segundo melhor centro médico do país, ostenta dezenas de faculdades e universidades e o seu pólo de informática possui projeção internacional. Além disso, possui diversos pólos industriais, destacando-se o Porto de Suape que já abriga o maior estaleiro do hemisfério sul, a construção de uma refinaria de petróleo e outros mega-investimentos. Foi olhando para essa face das cidades que surgiu a frase publicitária de um “Pernambuco como nunca se viu”⁶.

⁵ Fonte: IBGE - Dados censitários de 2010.

⁶ Slogan da campanha publicitária do governo estadual referente a suas ações 2007/2010.

Triste, mas verdadeira, é a existência da outra face da cidade. As cidades metropolitanas no Brasil abrigam centenas de favelas e milhões de miseráveis⁷. Na RMR é fácil se deparar com crianças, adolescentes ou adultos fazendo alguma coisa nos sinais de trânsito, em busca de conseguir alguns trocados. Os dados governamentais de 2005 apontavam Pernambuco como o estado mais violento do país, e o Recife como a segunda metrópole mais violenta⁸. A cidade da face bela, de repente, se transmuta e se torna local de milhares de desabrigados, desempregados, viciados, verdadeiros miseráveis que, vivendo à margem sem desfrutar de acessos econômicos, se utilizam de meios escusos para viver.

Se focalizarmos o aspecto da geração de renda e da oferta de empregos, a metrópole recifense não foge ao panorama nacional, agravando-o, inclusive. Pesquisa do IPEA com 130 países apresenta o Brasil no vergonhoso segundo lugar no ranking das piores distribuições de renda⁹. E mais, “de acordo com o Banco mundial, durante os primeiros 25 anos do século 21, a pobreza mundial será cada vez mais concentrada nos grandes centros urbanos.”¹⁰. Milhares de retirantes das cidades do interior, em particular daquelas que não apresentam opções de renda, chegaram, e ainda chegam, às capitais em busca de melhores condições de vida. Isto amplia as dificuldades e geram uma grande gama de problemas estruturais. São essas pessoas que adensam as favelas e produzem uma imensa oferta de mão de obra não qualificada, sendo muitos os analfabetos.

Mudanças na sociabilidade urbana

Ao contrário das pequenas cidades do interior, o contexto urbano das metrópoles impõe a pressa, a concorrência, a presença incógnita, a valorização extrema da privacidade e o conseqüente isolacionismo social, a preocupação com a segurança, a inversão do valor de ser pelo ter e a inevitável restrição à sociabilidade que tudo isto provoca.

⁷ Ermínia Maricato, Profa. de urbanismo da USP, afirma que 80% da população brasileira habita em favelas. *Dimensões da Tragédia Urbana*. Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/cidades/cid18.htm>. Acesso em 12 jul/12.

⁸ Reportagem de Luciana de Melo, *Violência em Pernambuco: Capital e Interior*. Disponível em http://www.agperformance.com.br/paulista/index.asp?fuseaction=noticia&id_materia=119. Acesso em 08 de jan/06.

⁹ Demétrio Weber, *IPEA: O Brasil tem 53 milhões de Pobres*. Jornal o Globo de 01 de jan/05.

¹⁰ Antonia Leonora van der Meer, “O Brasil e o Desafio da Evangelização do Mundo” em *Missão Integral: Proclamar o Reino de Deus, Vivendo o Evangelho de Cristo*. Viçosa: Editora Ultimato, 2004, p. 172.

As grandes transformações urbanísticas e tecnológicas não permitem mais o compartilhar de espaços comuns, afirma o prof. Rogério Lima da UFRJ¹¹. Para ele os espaços antes representados pelas praças e passeios públicos não têm mais importância na lógica atual da vida urbana. Assim, a metrópole não é mais a cidade portadora de um centro marcado por monumentos, casas de espetáculo, restaurantes e ruas de lazer e compras onde as pessoas vistam e passam seu tempo livre. Hoje os habitantes de classe média das metrópoles pertencem mais aos bairros, verdadeiros novos centros onde lá se encontra praticamente tudo. Quanto mais rico o bairro, mais limpeza, mais iluminação, mais segurança, melhores acessos e mais oferta variada de produtos e serviços.

Diante deste novo ambiente, fatores geradores de sociabilidade como a rua, a feira, a praça e a igreja central perdem completamente os seus papéis como elementos facilitadores da socialização na cidade, descaracterizando, quase que por completo, o perfil interiorano na metrópole. A metrópole moderna foi afetada por mudanças radicais. Uma simples análise deixa exposto o seguinte para a classe média urbana:

Quadro comparativo (Adaptado) ¹²

	ANO DE 1950	ANO DE 2005
Comunicação	Rádio, Jornais, discursos nas praças.	Celular, internet, TV, satélite
Centro da cidade	Lugar de passeio, lazer e compras.	Lugar de passagem, perigoso, compras só se necessário.
Opção de compras	Feiras livres, pequenos mercados, fidelidade a marcas, vendas em dinheiro.	Shopping center, supermercados, opção pela vantagem, Dinheiro eletrônico.
Residência	Fixa com pouca mobilidade	Móvel com uma mudança a cada cinco anos (média).
Família	Estável e grande com uma média de sete indivíduos.	Frágil e pequena com uma média de quatro indivíduos.
Sociabilidade	Vizinhança conhecida, relacionamentos múltiplos e variados.	Vizinhança desconhecida, sistemas de isolamentos e segregação nos

¹¹ Rogério Lima, *Retrato da Cidade pelos seus Fragmentos*. Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/cidades/cid22.htm> Acesso em 30 dez/05.

¹² Foi tomado como base as informações da década de 1950 oferecidas na obra de Gilberto Freire, *Guia prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1968.

		relacionamentos.
--	--	------------------

Dentre as características de sociabilidade nas metrópoles, a exigência por privacidade se destaca como uma sensora vigilante. Mora-se geograficamente próximo, mas esses vizinhos pouco sabem além do número do apartamento um do outro. Análises apontam preocupações acerca desse fechamento social:

O que também tem preocupado estudiosos é o futuro das novas gerações. Os condomínios fechados não contêm diversidade social. Os moradores integram um grupo social homogêneo, com mesmo perfil sócio-econômico, padrão de consumo, gostos e hábitos. É um caminho perigoso. Tenho medo em relação às gerações mais novas criadas nesses condomínios. Eles não têm convívio com o outro. Temos exemplos de gangues de condomínios no Rio, São Paulo e Brasília¹³.

Não podemos deixar de questionar quanto dessa mudança de sociabilidade urbana tem afetado as igrejas. A primeira vista, identificamos quatro áreas seriamente afetadas e que carecem de investigações posteriores mais acuradas. Primeiro, identifica-se claramente pais cristãos não educando seus filhos para servirem a Deus em primeiro lugar. Verifica-se que há uma fortíssima ênfase na busca do “ser sucesso”, e mais grave, conceito de sucesso estabelecido pela sociedade não-cristã, produzindo a idolatria, ou no mínimo uma mega-valorização do dinheiro, da carreira e do benefício sócio-econômico. Segundo, há um processo de evangelização elitizada, e conseqüentemente, a criação do isolamento, gerando a formação de guetos evangélicos, entenda-se comunidade auto-centrada, que pressupõem um nível social “adequado” para pertencer a membresia de igreja¹⁴. Terceiro, o isolamento quase que anula as possibilidades de ser testemunha, pois fechando-se na redoma da auto-proteção e auto-interesse, como cruzar barreiras e servir de testemunha de Jesus à cidade? Quarto, o elitismo separatista faz com que a comunidade cristã dessas igrejas fique alheia à realidade da cidade que fica cada vez mais distante e alienada em todos os sentidos.

Outro exemplo do isolacionismo social urbano atual é a preponderância do “carro individualizado” como meio de transporte¹⁵, cuja ostentação de privilégio de poucos é a negação à sociabilização igualitária, quando comparado à sociabilização que o transporte

¹³ *As insatisfatórias fronteiras entre o Brasil Urbano e o Brasil Rural*. Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/cidades/cid08.htm>. Acesso em 12 jul/12.

¹⁴ José Comblin, “Diakonia na Cidade” em *Diaconia no Contexto Nordeste – Desafios, Reflexões e Práxis*. Orgs. Sérgio Andrade e Rudolf von Sinner. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 79-81.

¹⁵ Magnani, *Rua e a Evolução da Sociabilidade*. Disponível em www.aguaforte.com/antropologia/rua.html. Acesso em 23 dez/2005.

coletivo proporciona. Na RMR há bairros onde o fluxo de carros particulares na ida e volta ao trabalho é tão intenso, que produz congestionamentos regulares e quilométricos. A pobreza nesses bairros ricos é uma chaga indesejável, perigosa, uma agressão ao que se vê. A presença de pobres é apenas de passagem, eles só se fazem perceptíveis através das empregadas domésticas, funcionários de prédios e outros profissionais de serviços com pouca qualificação profissional.

Entretanto, outra é a realidade nos bairros periféricos e nas cidades agregadas ao grande Recife. Milhares de pessoas agrupadas pela baixa renda e disponibilidade de investimentos, formam outro tipo de gueto, agora caracterizado pelo ciclo da pobreza. São pessoas cujo estilo de vida reflete muito da sociabilidade das cidades do interior. A rua e os lugares públicos, os festejos populares e religiosos voltam a assumir valores de sociabilização.

Essa duplicidade exclusivista retrata a realidade de toda metrópole. Há a existência de uma “polifonia social” que mistura contextos sócio-econômicos colocando-os lado a lado pela teia de atividades da cidade, e também produz isolamento, elitização, marginalização e aglomeração geográfica de classes sociais¹⁶.

Não se deve passar despercebido que o contexto econômico nas metrópoles impõe certas poses como um *status quo social*. Isto faz com o fato de possuir determinado objeto significa progresso e participação social, gerando uma sensação de semelhança e pertencimento. Segundo a profa. Lucrecia Ferrara da USP,

Marx chamou essa atração de "fetichismo das mercadorias", uma espécie de religião ou de narcótico, e foi um, dentre muitos, que se impressionou com o fato de se revestir coisas materiais com atributos sociais e afetivos, com sua fácil manifestação em termos de massa e, sobretudo, com o seu resultado, uma inevitável homogeneização da aparência¹⁷.

O melhor exemplo disto é o telefone celular. A grande cidade “determinou” que é imprescindível para todos os seus habitantes possuírem um. Assim, quem o possui está atualizado e “conectado” com os demais habitantes da metrópole, podendo ser “achado” no meio da multidão a qualquer hora. Em menores proporções, o mesmo vem ocorrendo com o DVD, a roupa e o sapato da estação etc.

¹⁶ Ermínia Maricato, *Dimensões da Tragédia Urbana*. Disponível em www.comciencia.br/reportagens/cidades/cid18.htm. Acesso em 12 jul/2012.

¹⁷ Ferrara. *As Máscaras da Cidade*, p. 3.

Oportunidades missionárias para a Igreja

Uma região metropolitana é um verdadeiro misto de realidades sócio-econômicas. Não é possível, por hipótese alguma, imaginar que a concentração metropolitana de tecnologia, meios de transportes, serviços públicos, escolas, hospitais e os fatores de sociabilidade estão igualitariamente distribuídos. Logo, é fácil deduzir que o perfil de uma pessoa urbana, irá sofrer a influência, desejável ou não, dessa distribuição diferenciada de acessos e fatores, modelando a pluralidade. Conseqüentemente, as igrejas também irão sofrer tal *fatiamento* urbano, mesmo que em menor escala. Por essa razão, quando falamos em *oportunidades urbanas*, nos referimos à pluralidade de contextos e situações que existem nas metrópoles e que irão potencializar as ações missionárias a partir de suas igrejas locais.

Esses múltiplos perfis precisam ser vistos pelas igrejas como oportunidades missionárias. Estreitando os horizontes para a realidade nordestina, identificamos que na Região Metropolitana do Recife em 2007, em particular para a Igreja Presbiteriana do Brasil, a existência de sete presbitérios, com um total de 53 igrejas organizadas. Adicionando a existência de igrejas batistas, metodistas, congregacionais e de outras denominações evangélicas, torna essa metrópole um estratégico centro missionário. Leve-se em consideração que há igrejas estabelecidas em quase todos os locais, porém elas não trabalham missionariamente articuladas. Parece até que se instalou um processo de concorrência e apenas crentes de uma ou outra denominação terão acesso ao Reino de Deus.

Outro fator de importância missiológica identificado é que há muitos membros das igrejas metropolitanas que possuem parentes em outras partes da metrópole. Uma vez quebrado o muro da inércia e da alienação, inúmeras oportunidades missionárias poderão surgir simplesmente através de vínculos familiares.

Entretanto, o que observamos é que a grande maioria das ações missionárias urbanas é o resultado de iniciativa das igrejas locais sem planejamento. A parceria de igrejas em prol do Reino precisa ser restaurada como uma verdadeira oportunidade missionária a partir da metrópole, podendo somar esforços, difundir e suprir necessidades, oferecer treinamentos específicos, oportunizando diversas propostas de missões.

Por fim, merece ainda atenção, cinco aspectos da ação social e da evangelização para comunidades carentes nas cidades. Primeiro, que é inegociável reconhecer que nenhuma comunidade de servos de Deus pode alienar-se à realidade da miséria e pobreza existentes no contexto em que a igreja está inserida, por mais doloroso que tal processo de conhecimento e participação venha a ser, ou por maior que seja a extensão da miséria.

Segundo, é preciso afirmar que as grandes proporções de pobreza existente, não podem servir de justificativas para a inércia da Igreja. A Igreja é a comunidade “sal e luz” e precisa se voltar para o mundo não-cristão com modelos de solidariedade, com projetos e ações criativas produzindo mudanças permanentes, mesmo que atinja pequenas proporções de pessoas com almas sedentas de graça e corpos famintos de pão.

Terceiro, a participação das igrejas urbanas mais abastadas precisa mudar o foco da autoaplicação dos recursos materiais e humanos e direcioná-los mais abundantemente para as áreas de pobreza das cidades e também para áreas rurais de miséria.

Quarto, seguindo a orientação do apóstolo Paulo, em cada igreja local as famílias devem ser incentivadas a reservar mensalmente um pouco do seu ganho para ser destinado ao socorro dos necessitados, desfrutando assim da bem-aventurança de dar (At. 20:35).

Quinto, é urgente a necessidade de quebrar os muros de separação e produzir participação em ações de parcerias sociais com outras comunidades reconhecidamente evangélicas, no propósito de fazer ouvida em alto e bom som a voz profética da Igreja contra a injustiça social e o descaso contra os desprovidos, tornando tal atuação uma influência nas decisões políticas de investimentos e planejamento sociais, à semelhança do ideal de ajuda aos pobres e igualdade social que João Calvino desejava e buscou produzir na cidade de Genebra. Por amor a Cristo, por crermos que a Sua igreja é *comissionada* para evangelização e ação social; por obediência à Palavra, por vermos no outro necessitado a imagem de Deus e por crermos que o estado de pobreza e miséria não honra a Deus, embora possa ser por Ele usado como disciplina e ensino divinos, não cuidar da causa do pobre e miserável é inquestionavelmente pecado! Não evangelizar a todos é igualmente antibíblico.

Uma palavra final

O fenômeno da urbanização não é um movimento transitório, nem muito menos irá arrefecer o seu ritmo de expansão. A realidade das cidades, grandes ou pequenas, chegou

para ficar e junto com elas a mentalidade do viver no meio de multidões. É inaceitável se pensar que esse novo ambiente social não produzirá impactos no modus operandi das igrejas, aliás, isto já está acontecendo. A tarefa da liderança da igreja urbana será saber entender o seu momento a partir da ótica das Sagradas Escrituras e não o inverso. Entretanto, entender é apenas o primeiro passo do processo, é preciso também estabelecer como agir para cumprir a missão que foi outorgada pelo Senhor. Eis aí o nosso grande desafio.